Ensaios Pedagógicos

DOI:
123456789

O POEMA SINALIZADO *TREE*, DE PAUL SCOTT, "ADAPTADO" AO FOLCLORE BRASILEIRO: UMA CRÍTICA DA TRADUÇÃO

Helano da Silva Santana Mendes[1]
Neiva de Aquino Albres[2]

RESUMO

Esta pesquisa objetiva analisar as estratégias de "tradução" para Libras realizadas pela poetisa surda brasileira Fernanda Machado no poema sinalizado "*Tree*", do poeta surdo britânico Paul Scott. Fundamenta-se nas teorias sobre aspectos tradutórios *de/entre/para* línguas, com base nos Estudos da Tradução (Reiss, 2000) e na interface entre tradução e crítica, que consiste na valoração do leitor-tradutor submerso na obra artística, conforme discutido por Haroldo de Campos e Paulo Henriques Britto. A metodologia adota uma abordagem qualitativa, com foco na crítica da tradução (Campos, 1992; Cardoso, 2015) e identifica a "transcriação" como principal estratégia. A análise fundamenta-se principalmente em três aspectos: literatura, linguística e aspectos extralinguísticos, descrevendo as escolhas tradutórias/transcriadoras no poema. Os resultados destacam adaptações transcriativas que integram elementos culturais brasileiros, revelando múltiplas vozes poéticas e a busca por uma conexão entre o original britânico e o contexto brasileiro.

Palavras-chave: Poema. Transcriação. Crítica da Tradução.

THE SIGNED POEM "TREE", BY PAUL SCOTT, "ADAPTED" TO BRAZILIAN FOLKLORE:

A Critique of Translation

ABSTRACT

This research aims to explore the "translation" strategies into Libras carried out by the Brazilian deaf poet Fernanda Machado in the signed poem "Tree," by the British deaf poet Paul Scott. It is based on theories regarding translational aspects *of/from/into* languages, grounded in Translation Studies (Reiss, 2000) and the interface between translation and critique, which involves valuing the reader-translator immersed in the artistic work, as discussed by Haroldo de Campos and Paulo Henriques Britto. The methodology adopts a qualitative approach, focusing on translation critique (Campos, 1992; Cardoso, 2015) and identifies transcreation as the main strategy. The analysis primarily focuses on three aspects: literature, linguistics, and extralinguistics, describing the translational/transcreative choices in the poem. The results highlight transcreative adaptations that integrate Brazilian cultural elements, revealing multiple poetic voices and the search for a connection between the British original and the Brazilian context.

Keywords: Poem. Transcreation. Translation Critique.

[1] Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução (PGET/UFSC). Docente do curso Bacharelado em Letras Libras da Universidade Federal de Roraima (UFRR). Membro do Núcleo de Pesquisa em Interpretação e Tradução de Línguas de Sinais – InterTrads. E-mail: helano.mendes@ufrr.br

[2] Doutora em Educação Especial pela UFSCar. Docente do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução – PGET e professora do Curso de Letras Libras da UFSC (Florianópolis). Pesquisadora do Núcleo de Pesquisa em Interpretação e Tradução de Línguas de Sinais – InterTrads. E-mail: neiva.albres@ufsc.br

Ensaios Pedagógicos

DOI:
123456789

EL POEMA SIGNADO "*TREE*", DE PAUL SCOTT, "ADAPTADO" AL FOLCLORE BRASILEÑO:

Una Crítica de la Traducción

RESUMEN

Esta investigación tiene como objetivo explorar las estrategias de "traducción" a Libras realizadas por la poeta sorda brasileña Fernanda Machado en el poema signado "*Tree*", del poeta sordo británico Paul Scott. Se fundamenta en teorías sobre aspectos traductológicos *de/entre/para* lenguas, basadas en los Estudios de Traducción (Reiss, 2000) y la interfaz entre traducción y crítica, que consiste en valorar al lector-traductor inmerso en la obra artística, según lo discutido por Haroldo de Campos y Paulo Henriques Britto. La metodología adopta un enfoque cualitativo, centrado en la crítica de la traducción (Campos, 1992; Cardoso, 2015) y identifica la transcreación como la estrategia principal. El análisis se enfoca principalmente en tres aspectos: literatura, lingüística y extralingüística, describiendo las elecciones traductoras/transcreativas en el poema. Los resultados destacan adaptaciones transcreativas que integran elementos culturales brasileños, revelando múltiples voces poéticas y la búsqueda de una conexión entre el original británico y el contexto brasileño.

Palabras clave: Poema. Transcreación. Crítica de la Traducción.

INTRODUÇÃO

O texto poético, seja ele na forma de verso ou em prosa, é um texto[3] que pode ser composto por plurissignificação, isto é, a partir de um único texto é possível criar no leitor uma mistura de interpretações. Ele pode ser ambíguo, pois pode despertar incertezas, indefinições, causar dúvidas, deixar vago ou mesmo estar obscurecido. Ancorado a ele também está a subjetivação do sujeito – leitor – que o interpreta, logo, o texto poético é um Eu lírico.

De acordo com Álvarez Tabares (2013, p. 223), a poesia – antes de tudo – constitui ser uma outra maneira de produzir conhecimento. A poesia enquanto episteme vai muito além da "racionalidade instrumental e a mentalidade tecnológica e científica". Nesse aspecto, o autor propõe pensar a poesia a partir de uma visão antropológica, pois existe relação entre a poesia, o poeta e o poema, abrindo espaço para "novas linguagens e novas formas de pôr a realidade em palavras [ou sinais]".

Assim sendo, tanto o texto poético escrito quanto o sinalizado, podem ser traduzidos como linhas de conhecimento que expressam à realidade, pois transportam o mundo real para mundo imaginário da interpretação, da ambiguidade e da subjetivação. No que concerne as poesias escritas quando comparadas às poesias sinalizadas, vê-se que nessas últimas existe uma especificidade que não é encontrada

[3] Ao nos referirmos ao termo "texto" entendemos que este pode ser tanto escrito quanto sinalizado.

nas primeiras – o corpo visível e em movimento do poeta ou do tradutor (Machado, 2013).

A língua brasileira de sinais (Libras), assim como todas as línguas sinalizadas são de modalidade cuja experiência é cinestésica-visual. Pouco se tem estudado sobre a tradução de uma poesia sinalizada para outra língua sinalizada abordando o papel criativo do tradutor. Assim, este trabalho objetiva analisar as estratégias de "tradução" para Libras adotadas pela poetisa surda brasileira Fernanda Machado no poema sinalizado "*Tree*", de autoria do poeta surdo britânico Paul Scott.

A organização do texto segue esse planejamento geral: após esta introdução, na seção 2, apresenta-se a fundamentação teórica relacionando com as línguas de sinais; na seção 3, apresenta-se o percurso metodológico; na 4, analisa-se a produção da poesia em Língua de Sinais Britânica (BSL, sigla em inglês para *British Sign Language*) e Libras; finalmente, na seção 5, concluímos com reflexões sobre as possibilidades de interação cultural, os desafios tradutórios enfrentados e o impacto da transcriação no contexto literário e artístico das línguas de sinais.

REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Quando se trata de produções poéticas de poetas surdos, são escassas essas criações. Uma justificativa plausível para esse fato é que, diferente de poesias escritas, as poesias sinalizadas expõem visualmente o poeta ou o tradutor, pois nem todos os falantes de línguas sinalizadas conseguem com naturalidade expressar-se com a forma poética da corporeidade, ou seja, se mostrando, se abrindo e se permitindo por meio da expressão poética.

> Assim como as agulhas de tricô que, ao se entrelaçarem umas sobre as outras acabam por construir uma tessitura, a conceituação de corpo, resultante de um modo de olhar e traçar o horizonte a partir do qual um corpo pode "aparecer", acaba por interferir na maneira como damos forma às nossas práticas e investigações artísticas. Dizer que o modo de olhar constitui um horizonte a partir do qual um corpo se faz visível para nós é reconhecer prioritariamente que o modo de olhar emoldura, delimita e faz visível um horizonte de experiências, assim como uma maneira de construir e ouvir o corpo – o do outro e o nosso (Lima, 2014, p. 29).

Nesse aspecto, Shetley (1993) *apud* Sutton-Spence (2014) afirma que é fundamental que a poesia sinalizada seja levada aos estudantes surdos, pois favorece a aprendizagem e o desenvolvimento da modalidade escrita de uma língua vocalizada como o português, por exemplo. Segundo esses autores, a exposição à poesia

Ensaios Pedagógicos
DOI: 123456789

sinalizada permite que os estudantes surdos reconheçam a expressividade e a estrutura linguística própria das línguas de sinais, o que fortalece tanto a compreensão como a produção textual na língua escrita.

Ainda de acordo com a autora,

> Ver a poesia escrita traduzida para a língua de sinais e discuti-la em língua de sinais ensina os estudantes sobre letramento de poesia em geral. Isto os capacita a abordar poesia de maneira crítica e a explorar as dificuldades culturais, linguísticas e atitudinais que podem criar barreiras à sua apreciação (Sutton-Spence, 2014, p. 117).

Diante disso, a autora salienta que a educação bilíngue é de fundamental importância para estudantes surdos. Como os indivíduos surdos têm experiência de aprendizagem cinestésica-visual, a literatura sinalizada[4] é uma necessidade. Em se tratando do aspecto terminológico, Karnoop (2008, n.p.) salienta que, é mister usar o termo "'[L]iteratura [S]urda' para produções literárias que têm a língua de sinais, a questão da identidade e da cultura surda presentes nos textos e/ou nas imagens".

De acordo com Milton e Martins (2013, p. ii) "é possível dizer que toda tradução teria elementos de adaptação e de reescrita". Diante dessa afirmação, concordamos com os autores que a "adaptação" é um "elemento", ou seja, uma ferramenta como muitas outras usadas para se traduzir.

A "transcriação", por sua vez, consiste ser uma "recriação" de um texto escrito em uma determinada língua (vocal ou sinalizada) em outra língua (vocal ou sinalizada). De acordo com Silva (2021) a transcriação é "uma prática relacionada ao ato e ao processo tradutório de um texto, possuindo como alvo de recriar o texto em outra língua".

Haroldo de Campos propõe que, em se tratando de textos poéticos, é apropriado usar o termo "transcriação". De acordo com Gessner (2016), essa é, na verdade, uma das principais dificuldades quando se tenta explicar esse termo, pois ele é apenas uma "prática" dentro do processo tradutório.

> [...] não se trata de um conceito; o termo foi cunhado por Haroldo de Campos para designar um *processo de tradução*, que se caracteriza por ser criativo. Diz mais respeito, portanto, a uma prática do que a uma teoria, e por não ter uma delimitação conceitual pré-estabelecida, facilmente torna-se escorregadio, servindo-se aos mais diferentes propósitos (Gessner, 2016, p. 144, grifo nosso).

[4] A literatura sinalizada refere-se a produções literárias criadas e apresentadas em línguas de sinais, utilizando elementos visuais, corporais e espaciais como base expressiva.

Outros termos foram encontrados, como "recriação", "transculturação", "apropriação" e "antropofagia literária". Todos esses podem ser empregados como sinônimos de transcriação trazidos por Haroldo de Campos. De acordo com Silva (2021), a transcriação tem o objetivo de recriar o texto de partida (i.e., o texto a traduzir) em um outro texto, o de chegada (texto traduzido). Para que isso ocorra, é usado todos os recursos que a língua do texto de chegada apresenta. São estratégias realizadas no fazer tradutório, ou seja, elas ocorrem "durante o processo [de tradução] desse novo texto reproduzido na língua de chegada" (Silva, 2021, n.p.).

Diante dessa afirmativa, Silva (2021) recupera Segala (2010), quando cita a tradução intermodal e intramodal, chamando a atenção para a "corporificação no texto de maneira semiótica, compreendendo os significados e exigindo a recriação de gestos e sinais [na língua de chegada]". Essa afirmação está de acordo com Nascimento, Martins e Segala (2013) quando dizem que:

> [...] ao assumir a dimensão criativa da tradução de poesias, Haroldo de Campos ressignificou o papel do tradutor de ser aquele que "apenas" transmuta de uma língua à outra para aquele que cria, recria, co-cria, ou seja, o tradutor é, também, um autor e por isso está presente na obra traduzida (p. 1855).

Os autores compreendem que Haroldo de Campos refuta os conceitos "fidelidade" e "literalidade", pois para ele, o tradutor, envolvido em um projeto, não traduz sem que haja uma busca em compreender a produção de sentido do texto na língua fonte. Dessa maneira, o tradutor deve considerar a inovação estética do texto traduzido, sendo ele um co-autor e um co-criador do texto de partida. Assim, o tradutor tem "total autonomia nesse processo criativo" (Nascimento; Martins; Segala, 2013, p. 1856).

Embora haja estudos voltados para as formas escritas de línguas de sinais, todas elas "tradicionalmente não apresentam um sistema escrito. [Dessa forma,] o conhecimento cultural das comunidades surdas, que é passado por meio da língua de sinais, é *transmitido visualmente* (Sutton-Spence; Quadros, 2006, p. 113, grifo nosso).

Outro elemento importante é o antropomorfismo, que consiste em atribuir características humanas (como emoções, intenções, pensamentos, ou comportamentos) a seres não-humanos, como animais, objetos inanimados, fenômenos naturais ou entidades divinas (Sutton-Spence; Napoli, 2010; Sutton-Spence, 2021). Por exemplo, podemos ver o antropomorfismo na literatura (personagens animais em histórias como *Rei Leão* ou *A Revolução dos Bichos*)*;* na

Ensaios Pedagógicos
DOI:
123456789

mitologia e religião (deuses gregos, como Zeus, que possuem emoções e atitudes humanas); e no cotidiano (frases como "*o sol está sorrindo*" ou "*o carro não quer funcionar hoje*").

O antropomorfismo além de ser a atribuição de características humanas a seres não-humanos, também possui uma dimensão estética única nas línguas de sinais. Nesse contexto, ele se manifesta de maneira visual e corporal, aproveitando a expressividade natural dessas línguas proporcionando um prazer estético (Lopes; Barbosa e Oliveira, 2022).

De acordo Paul Scott (s.d.) *apud* Sutton-Spence (2014), o poema escrito é cheio de visualidade para o falante de uma língua de modalidade vocal, pois o poema escrito é, em si, cheio de iconicidade, como na forma de linguagem figurada com o uso de metáforas, entre outros elementos que compõe um poema.

Paul Scott (s. d.) conta:

> Eu pego [um livro de poesia] da prateleira e começo a ler e não entendo. Talvez seja lindo, com belas palavras, todas musicalmente arranjadas na página. Eu leio "bla, bla, bla" e as pessoas ouvintes irão ver as metáforas e a linguagem figurativa e assim por diante, mas eu olho e não faz sentido para mim. As pessoas ouvintes entendem e a pessoa surda não (p. 116).

Essa é apenas uma dentre muitas falas que representa todo um povo. Assim, essas literaturas de/entre/para pessoas surdas fazem mais sentido quando lhes são apresentadas de forma visual, isto é, em vídeo e/ou escrita com base, ou não, de um texto sinalizado como é o caso de poemas escritos em Libras para a língua portuguesa na modalidade escrita, conforme Barros (2020).

Nessa mesma linha de raciocínio Medeiros e Cabral (2014) consideram que a Literatura Sinalizada[5] são fontes de encorajamento para os estudantes surdos. As autoras consideram que dentro de uma perspectiva bilíngue de educação para surdos, explorar essa temática na escola é de extrema relevância.

O PERCURSO DA PESQUISA

Traçamos o percurso da pesquisa utilizando a abordagem qualitativa, o estudo de caso e a crítica da tradução. Para Godoy (1995, p. 21), "a abordagem qualitativa, enquanto exercício de pesquisa, não se apresenta como uma proposta rigidamente estruturada, ela permite que a imaginação e a criatividade levem os investigadores a

[5] Os autores usam o termo "Literatura Visual/Surda" para se referir as duas terminologias usadas na academia. Neste trabalho é utilizado, no campo macro, o termo "Literatura Sinalizada".

proporem trabalhos que explorem novos enfoques". Nesse sentido, os pesquisadores interpretam os fenômenos delimitados como objeto de estudo.

No campo dos estudos da tradução, com base nos estudos literários e tradutórios, adotamos a crítica da tradução como procedimento de pesquisa. Trata-se de uma "prática avaliativa que oferece reações distintas de traduções literárias publicadas". O crítico tem o papel de "analisar em detalhes e normalmente pressupondo que o leitor já conheça as referidas obras" (Mayer, 2000, p. 205).

A crítica da tradução é uma disciplina que integra uma série de escolhas reflexivas feitas por aqueles que se dedicam ao estudo da tradução no contexto da literatura comparada e do campo da tradução como um todo. No entanto, as pesquisas que integram sistematicamente critérios e metodologias objetivas para que críticos de tradução avaliem obras ainda são escassas e incompletas (Cardozo, 2015). Para além da questão dos critérios de avaliação, surgem outras questões no âmbito deste tema. Dentre elas, destaca-se o papel do crítico, a reflexão sobre sua importância e até mesmo a questão de quem deveria exercer a tarefa da crítica: o crítico literário ou alguém envolvido nos meandros da tradução. Nesse sentido, o livro *Translation Criticism – Potentials and Limitations* (Reiss, 2000) tornou-se um clássico.

A crítica da escritora alemã Katharina Reiss à tradução baseia-se principalmente na análise de três aspectos: literatura, linguística e extralinguística. A autora propôs uma abordagem funcional para a tradução, que incluía "a função especial da tradução" como uma categoria adicional em seu modelo crítico. Para Reiss, em textos informativos, o tradutor deve utilizar uma linguagem familiar aos leitores da cultura receptora, sendo uma das precursoras da mudança de paradigma, ampliando as ideias dos funcionalistas nos estudos de tradução, censurando a tradicional noção de equivalência.

Dentre as diversas possibilidades de poesias, definimos as obras de artistas surdos reconhecidos, de literatura surda videogravada e disponíveis para estudo. Dessa forma, a primeira etapa da pesquisa consistiu em: 1) planejamento da pesquisa; 2) execução – identificação de obras de literatura surda; e 3) seleção das obras para análise. Para selecionar as obras que comporiam o *corpus* deste trabalho, foram definidos critérios de inclusão e exclusão, apresentados no Quadro 1.

Ensaios Pedagógicos
DOI: 123456789

QUADRO 1 – Critérios de inclusão e exclusão no *corpus* da análise

Critérios de Elegibilidade	
Inclusão (I)	**Exclusão (E)**
Conteúdo principal: produção de literatura surda.	Obras que não tem relação com literatura surda.
Tipo de documento: obras literárias videogravadas a partir dos anos 2000 em língua de sinais estrangeira que tenha tradução para Libras	Tipo de documento: obras literárias impressas e publicadas de forma autônoma, por exemplo em sites, blogs ou redes sociais, mas que não tenham tradução para a Libras videogravada.
Acesso ao material completo dos documentos (obra literária)	Falta de acesso aos textos completos (obra literária).
Línguas: Língua de sinais estrangeira e Libras	Produções de idiomas diferentes dos indicados
Tradutor surdo brasileiro que tenha experiência na produção literária em Libras e em tradução	Estudos duplicados.

Fonte: Os autores

A partir do levantamento inicial, identificamos duas obras traduzidas para Libras que atendiam ao perfil buscado. A obra “A Pedra Rolante”, de Sandro Pereira, traduzida e adaptada da história “*Ball Story*”, do poeta surdo americano Ben Bahan, em ASL (*American Sign Language*) e “Saci”, de Fernanda Machado, inspirado no poema “*Tree”*, de Paul Scott.

Optamos por trabalhar com Saci, de Fernanda Machado, pois a tradutora atende aos critérios de artista, possui experiência em tradução e formação acadêmica em Estudos da Tradução (mestrado e doutorado). Sutton-Spence (2021, p. 61) também afirma que, “embora [o poema *Tree*] tenha sido composto em BSL, é facilmente compreensível por sinalizantes de Libras”, o que nos proporcionou maior segurança para trabalhar com essa obra. A confirmação de sua disponibilização em canais do YouTube é apresentada no Quadro 2.

QUADRO 2 – Coleta de dados sobre os poemas

Texto de Partida	**Texto de Chegada**
***Tree* (Paul Scott)**	**A Árvore (Fernanda Machado)**
Canal: signmetaphor Link do Poema: http://bit.ly/3FhSxpQ Data da postagem: 15 de mai. de 2015 Título: *BSL poem "Tree" by Paul Scott* Duração: 00:02:42	Canal: Colecionador de Sacis Link do Poema: http://bit.ly/3VOs4aq Data da postagem: 16 de nov. de 2016 Título: *Folclore surdo: A Árvore (Paul Scott) - versão brasileira* Duração: 00:03:11
Número de inscritos: 938 (até 21 nov. 2024)	Número de inscritos: 7,53 mil (até 21 nov. 2024)
Números de *Likes*: 104 (até 21 nov. 2024)	Números de *Likes*: 278 (até 21 nov. 2024)
Visualização: 7.962 (até 21 nov. 2024)	Visualização: 15.377 (até 21 nov. 2024)
Descrição do canal sobre o poema	**Descrição do canal sobre o poema**
O poema assinado pelo poeta surdo Paul Scott (em Língua de Sinais Britânica) “Árvore” fala do ciclo de vida de uma árvore. É uma metáfora para a resistência da comunidade surda. O poema mostra bons	Fernanda de Araújo Machado, professora da graduação em Libras da UFSC, faz esta versão brasileira do já clássico conto do folclore surdo britânico *The Tree*, de Paul Scott, neste vídeo

exemplos de antropomorfismo e assinatura cinematográfica com classificadores. Foi apresentado no Centro de Artes Arnolfini, em Bristol [Inglaterra] em setembro de 2009. Os poemas neste canal fazem parte da coleção feita como Antologia Poética em Língua de Sinais da Universidade de Bristol com o objetivo de estudar metáforas na poesia em língua de sinais. O poema é discutido no livro *Introducinging sign language literature: folklore and creativity*, de Rachel Sutton-Spence e Michiko Kaneko, publicado pela editora Palgrave. Uma tradução completa e comentários sobre o poema e suas características estão disponíveis em: http://bit.ly/3HvBjYR	exclusivo para o Colecionador de Sacis. A edição e filmagem é de Andriolli Costa. No original, Paul conta a história de uma árvore plantada e cuidada por um homem, que quando ela está grande e frondosa a derruba com um machado. Ainda assim, do toco da árvore, um broto insiste em nascer. A árvore é metáfora constante na literatura surda para representar a resiliência que o povo surdo deve ter diante da vida. Já na versão brasileira, é um saci que planta a árvore, e cuida dela até que ela cresça. No entanto, não há derrubada, a história termina com o nascimento de outra árvore ao lado da primeira, que logo recebe a companhia do velho saci e de seu filhote. A história deixa de ser apenas de resiliência, mas de coletividade, raiz e, por que não, identidade.

Fonte: Os autores (2024).

A Análise Dialógica do Discurso (ADD), de Mikhail Bakhtin, trabalha com o "sentido", e não com o conteúdo do texto. Esse sentido não é simplesmente traduzido, mas produzido; trata-se da construção de significados pelos pesquisadores, baseada em suas interpretações sobre os sujeitos e seus discursos, as ideologias às quais esses sujeitos estão submersos, suas histórias de vida e a constituição da materialidade da linguagem (Costa, 2020).

CRÍTICA DA TRADUÇÃO: UMA ANÁLISE DIALÓGICA

Primeiramente, é preciso conhecer o poeta e a poetisa aqui analisados para que os leitores possam compreender a tradução e as escolhas tradutórias (ver Figuras 1 e 2). Além disso, conhecê-los também enriquece a análise crítica, pois permite situar as obras dentro de um panorama literário mais amplo, promovendo uma visão integrada entre autores, texto e tradução.

FIGURA 1 – Paul Scott

Fonte: http://bit.ly/3W2VEIU

FIGURA 2 – Fernanda Machado

Fonte: http://bit.ly/3uDEmWW

Paul Scott é um artista surdo britânico, natural de Bristol, Inglaterra. Professor e poeta, é mestre em estudos sobre *Deafhood* (a experiência de ser surdo) pelo Centro de Estudos Surdos da Universidade de Bristol. Atua como palestrante e

Ensaios Pedagógicos

DOI:
123456789

facilitador em oficinas e cursos voltados para a comunidade surda britânica e europeia, participando de festivais e outros eventos culturais. Suas produções incluem poemas e narrativas em BSL caracterizadas por uma forte visualidade e expressividade, que destacam sua habilidade como contador de histórias e criador de obras poéticas visuais.

Fernanda Machado é uma artista surda brasileira, natural do Rio de Janeiro, professora de Libras e Literatura Surda. É mestre e doutora pela Universidade Federal de Santa Catarina, com graduação em Educação Artística (UFRJ, 2009) e Letras Libras (UFSC, 2011). Coordenou a criação da Antologia de Poesias em Libras, um projeto que envolveu a documentação de Libras. Atualmente, é diretora do Festival Folclore Surdo, um evento de arte surda que celebra diversas manifestações literárias em Libras. Além disso, Fernanda Machado atua como artista plástica, atriz e poetisa, destacando-se como uma referência na cultura surda brasileira.

A literatura em língua de sinais se destaca por sua riqueza visual e pela habilidade de criar narrativas que transcendem as barreiras linguísticas e culturais. Nesse contexto, o poema "*Tree*", de Paul Scott, e sua adaptação para o contexto brasileiro por Fernanda Machado, são exemplos notáveis de como os elementos linguísticos fundamentais das línguas de sinais, como classificadores e incorporação, podem ser usados para criar personagens e narrativas impactantes. As Figuras 3 e 4 ilustram a criação dos personagens:

FIGURA 3 – Classificador de Pessoa

Fonte: Canal signmetaphor (2015)

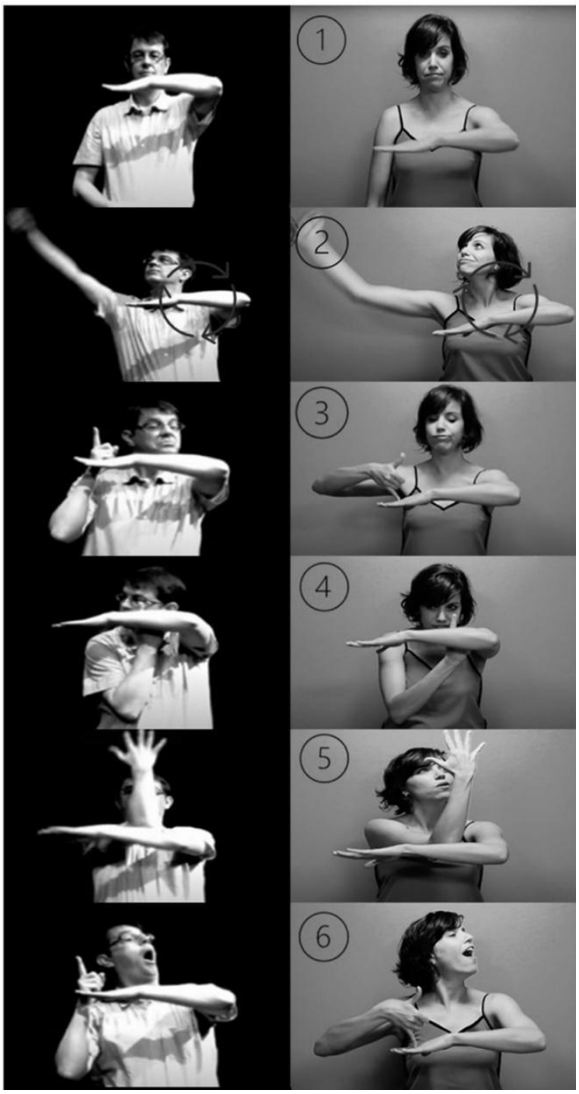
FIGURA 4 – Classificador de Saci

Fonte: Canal Colecionador de Sacis (2016)

Em todo o enunciado, o antebraço é retomado na posição horizontal (representando a terra enquanto se imagina a presença da árvore) e a passagem do tempo é simbolizada pelo movimento circular do sol (nascente e poente). Os personagens (uma "pessoa", por Paul Scott e um "Saci", por Fernanda Machado) são criados a partir de elementos linguísticos fundamentais das línguas de sinais, como o uso de classificadores e a incorporação. Esses classificadores são originais, gerando um efeito de novidade e provocando o espectador/leitor ao explorar novas formas de

representação visual e narrativa. Na Figura 5, a seguir, apresentamos de forma mais detalhada algumas escolhas tradutórias de Fernanda Machado:

FIGURA 5 – Comparativo entre os poemas



Fonte: Os autores

Vemos no primeiro quadrante a simetria nos gestos de ambos os artistas (1). O braço estendido, simboliza o caminho percorrido até o local onde a semente da árvore foi plantada. Essa simetria reforça a conexão entre os poemas e evidencia como o espaço é utilizado de maneira estratégica para representar deslocamento e trajetória. Em seguida, o movimento circular destaca a passagem do tempo (2), um recurso característico. Esse movimento conecta o início ao futuro, enfatizando a continuidade e o ciclo de crescimento da natureza.

A transição para a figura do Saci como protagonista (3) marca um momento significativo no poema traduzido. A mudança no classificador permite representar o Saci, incorporando elementos culturais brasileiros à história. Esse aspecto enriquece

Ensaios Pedagógicos
DOI:
123456789

o poema tanto visual quanto simbolicamente. Posteriormente, a narrativa avança para o brotar da árvore (4), momento em que os sinais indicam o nascimento da planta emergindo do solo, conectando imediatamente o poema ao espectador/leitor.

O crescimento da árvore (5) é representado de forma gradual, com movimentos ascendentes que simbolizam sua evolução. Esse uso do espaço vertical demonstra como a língua de sinais explora a tridimensionalidade para transmitir conceitos abstratos de maneira clara e envolvente. Por fim, o clímax da narrativa (6) é alcançado com a admiração pela imponência e beleza da árvore. Os sinais e expressões faciais destacam a emoção do Saci ao contemplar a grandeza da árvore.

PRIMEIRA CATEGORIA DE ANÁLISE: LITERATURA – GÊNERO POESIA

Para Reiss (2000), uma crítica da tradução se propõe a comparar as obras. Esse processo não se limita ao léxico, mas abrange o gênero discursivo, a intenção do autor do texto original e a do tradutor. Primeiramente, no que se refere ao gênero, a tradutora Fernanda Machado mantém o gênero poético, empregando elementos linguístico-discursivos similares. Além disso, a tradutora preserva o enquadramento do vídeo com fundo neutro, sem o uso de elementos de edição, criando toda a expressão linguística diretamente. Dessa forma, ela deixa ao espectador/leitor a responsabilidade pelo processo de construção de sentidos.

Para a tradução do poema "*Tree*", foi preciso buscar práticas de tradução literária do gênero poema. Entre tantas práticas, a utilizada nesse poema foi a "transcriação" perpassada pelo "antropomorfismo", quando a incorporação dos personagens inanimados se torna animados. Um exemplo claro é a árvore quando ganha vida em ambos os poemas. Nesse sentido, a estética de um texto sinalizado, faz qualquer leitor surdo ou não-surdo ter uma experiência sensorial, visual e emocional, sem precisar da sonoridade.

O antropomorfismo proporciona uma experiência corporal e um prazer estético únicos. Para Albres *et. al*. (2018), ele se manifesta tanto na sinalização em si quanto nas expressões faciais, onde o corpo do sinalizante assume o papel de personagem, enquanto suas expressões transmitem pensamentos e emoções. A direção do olhar, por sua vez, pode indicar mudanças de ponto de vista, contribuindo para a riqueza narrativa e para a imersão visual e sensorial do público. Essa perspectiva é corroborada por Araújo (2024), que enfatiza a importância da performance visual como parte da riqueza cultural das comunidades surdas.

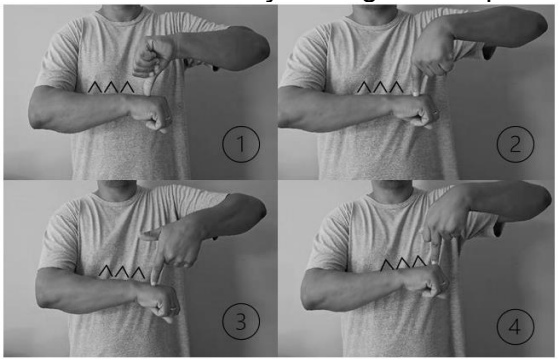
> A poesia em língua de sinais, assim como outras formas literárias expressas por meio de sinais, ganha vida em uma expressão poética justamente pela riqueza que a expressão corporal em LS pode dar a ela. [...] A performance poética em Libras proporciona uma maneira vívida de demonstrar sentimentos e emoções, enriquecendo a experiência de aprendizagem e incentivando uma conexão mais profunda com a língua e a cultura surda (pp. 35, 85).

Na literatura sinalizada, o uso da língua ultrapassa as convenções linguísticas estabelecidas, explorando seu potencial estético e comunicativo. Enquanto a teoria linguística tradicional se concentra na descrição de unidades delimitadas, como fonemas, morfemas e itens lexicais, a língua artística rompe esses limites. Na Libras, "brincadeiras estéticas" desconstroem sinais, alteram regras fonológicas e criam morfemas inusitados, proporcionando experiências visuais inovadoras e enriquecedoras. Esses elementos artísticos transformam a língua em um meio de expressão que transcende a comunicação cotidiana, proporcionando o prazer estético.

No que se refere ao sinal em Libras para "Saci", as variações linguísticas são diversas, como ilustrado na Figura 6. Embora todas as variações apresentadas possam ser consideradas adequadas, a tradutora optou por uma Configuração de Mão (CM) diferente, que também foi utilizada para representar o sinal de "cachimbo". Essa escolha tradutória, ao nosso ver, mostrou-se assertiva, pois, em sua tradução, é possível identificar a incorporação de dois personagens usando a mesma CM – o Saci jovem e o Saci idoso.

Além disso, essas incorporações restringiram o uso de algumas variações apresentadas na Figura 6. Por exemplo, a variação 4, embora seja também para saci frequentemente é utilizada para classificar uma pessoa com amputação de uma perna, porém o saci não possui uma amputação, mas sim um corpo sustentado por uma única perna, sem relação com um membro ausente ou amputado.

FIGURA 6 – Outras variações linguísticas para "Saci"



Fonte: Os autores

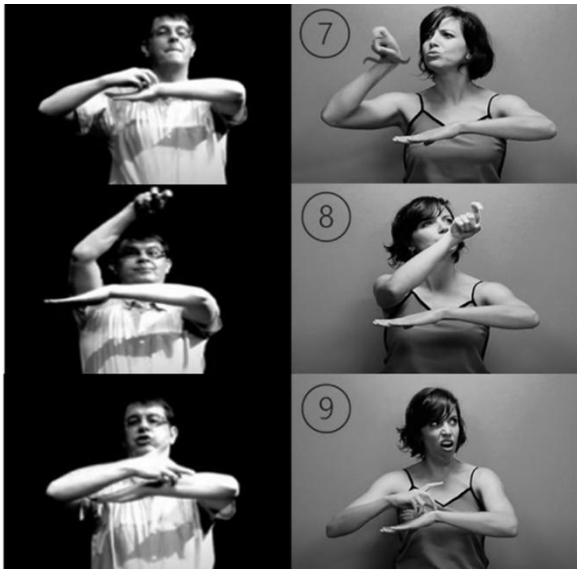
Ensaios Pedagógicos
DOI:
123456789

Essa ruptura com os padrões linguísticos convencionais diferencia a literatura sinalizada da literatura escrita de línguas vocais. Esse aspecto visual, característico da literatura sinalizada, evidencia a criatividade e a flexibilidade da língua de sinais como um veículo artístico. Assim, enquanto a literatura escrita tende a depender da estrutura linguística tradicional, a literatura sinalizada explora a liberdade expressiva do corpo, ampliando os horizontes da produção literária e oferecendo novas formas de interação estética.

Dessa maneira, as rupturas nas regras gramaticais, especialmente nos aspectos fonológicos e morfológicos, representam uma transgressão criativa que amplia os limites da língua de sinais. Por exemplo, a poetisa utiliza a CM em “garra” para simular o andar de uma “aranha”, que é traduzida para representar o sinal de um felino. Em outra ocasião, uma CM em “garra” com o dedo médio esticado é utilizada, criando uma representação semelhante a um lagarto para simbolizar o sinal de “cachorro”. Esse morfismo torna-se evidente quando esse “lagarto” levanta a “perna”, simulando a ato de urinar de um cão.

Nos excertos 7 e 9 da Figura 7, observamos claramente essa quebra ao criar morfemas não convencionais, que diferem significativamente das estruturas tradicionais com as quais estamos habituados. Esses morfemas inovadores não apenas desafiam as convenções linguísticas, mas também introduzem novas possibilidades expressivas e estéticas na literatura sinalizada.

FIGURA 7 – Comparativo entre os poemas



Fonte: Os autores

O mesmo ocorre quando utiliza a CM em "D" (dedo indicador levemente curvado) para representar o "papagaio" e a CM em "garra" para sinalizar a "onça". Essas configurações de mão são incomuns e podem parecer "estranhas", como apontado por Sutton-Spence (2021). Essas modificações nos morfemas causam estranhamento, pois não estamos habituados a vê-las empregadas de maneira tão diferente. Contudo, a compreensão não é comprometida, uma vez que a atriz compensa ao sinalizar, logo em seguida, elementos como "bico" (para reforçar que a CM representa o papagaio) e "marcas na pele/corpo" (para identificar a onça-pintada).

Paul Scott também emprega um classificador de "pessoa" pouco convencional na maioria das línguas de sinais. Com a CM em "P", o poeta provoca estranhamento ao classificar uma pessoa cega, subvertendo expectativas e padrões usuais. Como supramencionado, nos excertos 7 e 9, observamos mudanças "incomuns" nas CMs, que resultam na criação de morfismos inovadores e esteticamente impactantes.

Poesias em línguas de sinais sempre foram apresentadas em Associações de Surdos e festas (Peters, 2000). Atualmente, fazem parte do cerimonial de eventos sociais e acadêmicos como a apresentação artística (Albres, 2020) e apresentação em eventos especificamente artísticos, como SOLL (Sinalização em Obras Literárias e Linguísticas) e Slams. Essas apresentações, geralmente, "ao vivo", com um público identificável pelo artista. Contudo, a poesia está cada vez mais disponível por meio das redes sociais na *internet* (Schallenberger, 2010).

> Um poeta surdo sabe quais elementos são necessários para uma performance em diferentes espaços, como, por exemplo, a distinção entre uma performance pública onde há um vínculo forte e direto com o público e uma performance em vídeo. Assim, deve-se notar que os atores surdos estão cientes das técnicas e adaptações necessárias de acordo com os espaços específicos onde a performance ocorre (Machado, 2013, p. 43).

A poesia é uma apresentação de evento único e transitório, mesmo quando videogravada, pois depende essencialmente do interlocutor para sua apreciação e interpretação. O contexto da performance, seja em um evento ao vivo ou em uma produção digital, influencia diretamente a maneira como o público percebe e interage com a obra. Dessa forma, a poesia em língua de sinais transcende sua forma estática e se transforma em um diálogo visual e sensorial, moldado pela interação com seu público.

SEGUNDA CATEGORIA DE ANÁLISE: LINGUÍSTICA – SIMETRIA

Ensaios Pedagógicos
DOI:
123456789

Na poesia em língua de sinais, os recursos imagéticos da linguagem desempenham um papel central na construção de sentidos e na criação de experiências estéticas únicas. Paul Scott, em suas obras, utiliza esses recursos de maneira magistral, recorrendo a metáforas visuais que transcendem o significado literal dos sinais. Segundo Mourão (2016, pp. 121-122), “Paul Scott recorre a metáforas para criar jogos poéticos e provocar emoções nos olhos e nas mentes dos espectadores [...]”

É evidente que a direção do olhar do ator também incorpora o “olhar” dos personagens, como destacado por Sutton-Spence e Napoli (2010):

> No poema *Tree*, de Paul Scott, o broto da árvore olha discretamente ao seu redor enquanto emerge do solo. Esse efeito é alcançado ao elevar a mão que representa o classificador de entidade – o broto – até o nível do rosto, aproximando-a dos olhos, de modo que entendemos que os olhos pertencem ao broto (p. 454, tradução nossa).

Dessa maneira, constatamos que a tradutora, ao renomear os personagens, utiliza classificadores que representam outros personagens na tradução brasileira, fazendo alusão ao folclore nacional. O personagem principal passa a ser o Saci. Assim, a intenção discursiva, ou “projeto de dizer”, implica na “relação da palavra com o pensamento e da palavra com o desejo, com a vontade, com a exigência. [...] A palavra como ato” (Bakhtin, 2011, p. 320). Um ato responsável que não pode ser reduzido a relações estritamente linguísticas ou gramaticais. Aqui, “palavra” é entendida como o signo linguístico, o sinal escolhido pela tradutora em Libras, permeado por sua criatividade e ancorado na poesia de Paul Scott.

Nesse contexto, é possível perceber que a proposta da tradutora vai além de ser mais uma tradução, mas configura-se como uma tradução com adaptação ao contexto e à cultura brasileira e não uma “adaptação” por estar no formato de vídeo; haja vista que o texto fonte já está neste mesmo formato. Dessa maneira, embora o termo “adaptar” seja uma estratégia usada majoritariamente quando se percebe a intraduzibilidade de uma palavra, uma expressão, ou mesmo um sinal no poema “Saci” ele está relacionado à adaptação do poema *“Tree”* ao folclore brasileiro.

Assim, a tradução preserva a essência do texto original: uma poesia com o propósito de encantar, envolver e provocar a imaginação do leitor. A análise mais aprofundada nos níveis semântico, lexical, gramatical e estilístico revela uma abordagem que visa uma avaliação completa da tradução, destacando sua riqueza criativa e sua capacidade de dialogar com o público brasileiro.

Nesse aspecto, a tradução não perde a função do texto original: ser uma poesia com o propósito de encantar, envolver e provocar a imaginação do leitor. A análise mais aprofundada nos níveis semântico, lexical, gramatical e estilístico revela uma abordagem que visa uma avaliação completa da tradução, destacando sua riqueza criativa e sua capacidade de dialogar com o público brasileiro.

TERCEIRA CATEGORIA DE ANÁLISE: EXTRALINGUÍSTICA – SOCIAL

Referindo-se aos elementos extralinguísticos, podemos descrever que há fatores que podem determinar se um equivalente tradutório é ótimo ou simplesmente potencial. Esses elementos extralinguísticos consistem em condicionantes que influenciam as formas linguísticas. Nesta obra, encontramos referência a eles, sendo os principais os seguintes: a situação imediata, caracterizada como um elemento de natureza contextual; o assunto, considerando que é essencial para o tradutor estar familiarizado com o campo lexical em questão; o tempo, que pode moldar o uso da linguagem (o vocabulário do século XVIII, por exemplo, difere significativamente do utilizado atualmente, embora mantenha certas semelhanças); o lugar, que abrange elementos culturais, visto que a cultura de um lugar se reflete inevitavelmente na escrita; a audiência, que o tradutor deve levar em conta durante o processo de tradução, assegurando que o texto traduzido seja compreensível no contexto da cultura do leitor; e o emissor, cuja elocução apresenta características linguísticas que podem impactar a tradução.

O tradutor, no seu processo tradutório, deve levar em conta que o texto de partida foi produzido em um contexto cultural particular, com uma intencionalidade clara e voltado para um público-alvo específico. Essa relação entre texto, cultura e público é essencial para garantir que o propósito original seja preservado na tradução, respeitando as particularidades culturais e comunicativas. Como aponta Nord (2006),

> Na tradução, o tradutor lida com um texto-fonte produzido sob um conjunto de condições de cultura-fonte para um público-alvo. O que é dito e como é dito é determinado pelos propósitos comunicativos do autor e sua avaliação da situação para a qual a mensagem se destina. A tradução será utilizada em uma situação diferente e determinada por um conjunto diferente de condições da cultura a que se destina o texto traduzido (p. 44, tradução nossa).

Nesse ínterim, o tradutor não se limita a uma tradução literal ("palavra-por-palavra" no caso de uma língua vocal como o português e/ou "sinal-palavra" e "palavra-sinal" para as línguas de sinais traduzidas diretamente na direção Libras-

português ou português-Libras). Além disso, não se deve exigir uma “fidelidade” estrita ao texto de partida, uma vez que a tradução é muito mais do que uma correspondência exata. Conforme Haroldo de Campos, a tradução poética é transcriadora.

A partir do poema “Saci”, é possível refletir sobre a perspectiva de Sutton-Spence (2021), que destaca como a tradução de poesia escrita para a língua de sinais amplia as possibilidades de engajamento entre estudantes surdos. Além disso, ao discutir o gênero poético em língua de sinais, promove-se não apenas a apreciação estética, mas também o letramento no gênero, possibilitando que esses sujeitos desenvolvam uma relação mais profunda com a poesia em suas diversas formas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base na sistematização teórica apresentada por Reiss (2000), concluímos que o processo de avaliação e crítica da tradução vai além da simples atribuição de uma avaliação ao trabalho tradutório. A crítica desempenha um papel essencial no aperfeiçoamento da prática tradutória, contribuindo para a formação de tradutores mais conscientes e para a produção de traduções de maior qualidade.

A crítica como prática, não apenas avalia, analisa e interpreta traduções, mas, com base em critérios específicos, pode incluir aspectos linguísticos, culturais, estéticos e funcionais. Ao explorarmos as estratégias tradutórias da poetisa Fernanda Machado compreendemos suas escolhas tradutórias e as implicações do prazer estético no contexto do texto traduzido. Portanto, a prática da crítica, quando fundamentada em critérios claros e objetivos, não apenas avalia, mas também fortalece o diálogo entre teoria e prática, contribuindo para o desenvolvimento contínuo da área dos Estudos da Tradução e Interpretação de Línguas de Sinais.

REFERÊNCIAS

ALBRES, Neiva de Aquino. Os espaços da Libras em contextos artístico-culturais e literários e a formação de tradutores e intérpretes de Libras-português. *Linguagem & Ensino*, Pelotas, v. 23, n. 4, p. 1248-1273, out.-dez. 2020. Disponível em: https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/rle/article/download/18467/12040/. Acesso em: 24 nov. 2024.

ALBRES, Neiva de Aquino; AMBROZIO, Aline Nascimento; ALENCAR, Simone Caldeira; NASCIMENTO, Valdinéia Aparecida. Quando o corpo dá vida aos objetos: antropomorfismo na tradução para língua brasileira de sinais. *Revista Sinalizar*, Goiânia, v. 3, n. 1, p. 5–19, 2018. Disponível em: https://revistas.ufg.br/revsinal/article/view/52049. Acesso em: 24 nov. 2024.

Ensaios Pedagógicos
ufscar
DOI:
123456789

ÁLVAREZ TABARES, Omar Julián. La poesía, el poeta y el poema: Una aproximación a la poética como conocimiento. *Escritos*, Medellín, v. 21, n. 46, p. 223-242, 2013. Disponível em: https://revistas.upb.edu.co/index.php/escritos/article/view/234. Acesso em: 24 nov. 2024.

ARAÚJO, Klébia Souza. *A poesia no ensino de Libras como língua adicional*. 2024. 113 f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2024.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. *O problema do texto na linguística, na filologia e em outras ciências humanas*. In: _____. Estética da criação verbal. Tradução de Maria Emsantina Galvão G. Pereira. Revisão da tradução: Marina Appenzeller. 6. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011. p. 307-335.

BARROS, Ricardo Oliveira. Tradução de poe*sia escrita em Libras para a língua portuguesa*. 2020. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2020. Disponível em: https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/214567. Acesso em: 24 nov. 2024.

CAMPOS, Haroldo de. *Da tradução como criação e como crítica*. In: _____. Metalinguagem e outras metas: ensaios de teoria e crítica literária. 4. ed. rev. e ampl. São Paulo: Perspectiva, 1992. p. 35.

CARDOZO, Maria Manuela. *Tradução & os sentidos da crítica*. In: AMORIM, L. M.; RODRIGUES, C. C.; STUPIELLO, É. N. A. (orgs.). Tradução &: perspectivas teóricas e práticas [online]. São Paulo: Editora UNESP; Cultura Acadêmica, 2015. p. 233-262.

DESTRI, Alana; MARCHESAN, Renata Coelho. Análise dialógica do discurso: uma revisão sistemática integrativa. *Revista da Abralin*, v. 20, n. 2, p. 1-25, 2021. DOI 10.25189/rabralin.v20i2.1853

GESSNER, Ricardo. Transcriação, transconceituação e poesia. *Cadernos de Tradução*, Florianópolis, v. 36, n. 2, p. 142-162, maio/ago. 2016. Disponível em: https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/2175-7968.2016v36n2p142. Acesso em: 26 nov. 2024.

GODOY, Arilda Schmidt. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. *RAE - Revista de Administração de Empresas*, São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57-63, 1995.

KARNOPP, Lodenir Becker. *Literatura surda*: texto-base. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2008.

LIMA, Carla Andrea Silva. Uma poética da corporeidade: relações entre destituição subjetiva, o Real do corpo e da cena. *Conceição/Conception*, v. 3, n. 6, p. 25-35, 2014.

LOPES, Shisleny Machado; BARBOSA, Nayara Macedo Coelho; OLIVEIRA, Luzir de. Análise de poesia em Libras com base na teoria de experiência estética de Jauss. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, v. 65, 2022. Disponível em:

https://www.scielo.br/j/elbc/a/Q4nzDpdn5WDchTrFLh4NGhP/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 24 nov. 2024.

MACHADO, Fernanda de Araújo. *Simetria na poética visual na língua de sinais brasileira*. 2013. 146 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.

MAYER, Christine. Reviewing and criticism. In: BAKER, Mona. *Routledge encyclopedia of translation studies*. London; New York: Routledge, 2000. p. 205-210.

MEDEIROS, Maria Gorete de; CABRAL, Maria do Socorro Leal. Literatura visual/surda: relevância e encorajamento à sua produção nas escolas. In: Congresso Internacional de Educação de Surdos (CINTEDI), 2014, Campina Grande. *Anais.* Campina Grande: Realize Editora, 2014. p. 1-8.

MILTON, John; MARINS, Márcia. Apresentação: considerações sobre tradução, adaptação e reescrita. *Tradução em Revista*, Rio de Janeiro, v. 15, p. I-X, 2013.

MOURÃO, Cláudio Henrique Nunes. *Literatura surda: experiência das mãos literárias*. 2016. 250 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

NASCIMENTO, Vinícius; MARTINS, Vanessa Regina de Oliveira; SEGALA, Rimar Ramalho. Tradução, criação e poesia: descortinando desafios do processo tradutório da Língua Portuguesa (LP) para a Língua Brasileira de Sinais (Libras). *Domínios de Lingu@gem*, Uberlândia, v. 11, n. 5, p. 1850-1874, dez. 2017. Disponível em: https://seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/37378. Acesso em: 23 nov. 2024.

NORD, Christiane. Translating for communicative purposes across culture boundaries. *Journal of Translation Studies*, v. 9, n. 1, p. 43–60, 2006.

PETERS, Cynthia. *Deaf American literature*: from carnival to the canon. Washington, DC: Gallaudet University Press, 2000.

REISS, Katharina. *Translation criticism*: the potentials & limitations. Tradução de Erroll F. Rhodes. Surrey: St. Jerome Publishing, 2000.

SCHALLENBERGER, Augusto. *Ciberhumor nas comunidades surdas*. 2010. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

SEGALA, Rimar Ramalho. *Tradução intermodal e intersemiótica/interlingual: português brasileiro escrito para Língua Brasileira de Sinais*. 2010. 146 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.

SHETLEY, Vernon. *After the Death of Poetry: Poet and Audience in Contemporary America.* Durham, NC: Duke University Press, 1993.

SILVA, Rafael Monteiro da. O ato tradutório em Libras, usando os aspectos da visualidade e validando o processo transcriativo no texto. In: Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES). *Tradução e Interpretação de Libras/Português*. 2021.

Ensaios Pedagógicos
DOI:
123456789

SUTTON-SPENCE, Rachel. *Literatura em Libras*. Petrópolis: Arara Azul, 2021.Disponível em: http://files.literaturaemlibras.com/Literatura_em_Libras_Rachel_Sutton_Spence.pdf. Acesso em:

SUTTON-SPENCE, Rachel. Porque precisamos de poesia sinalizada em educação bilíngue. *Educar em Revista*, Curitiba, n. 54, p. 117-131, 2014.

SUTTON-SPENCE, Rachel; NAPOLI, Donna Jo. Anthropomorphism in sign languages: a look at poetry and storytelling with a focus on British Sign Language. *Sign Language Studies*, Washington, DC, v. 11, n. 3, p. 442-475, 2010.

SUTTON-SPENCE, Rachel; QUADROS, Ronice Müller de. Poesia em língua de sinais: traços da identidade surda. In: QUADROS, Ronice Müller de (Org.). *Estudos Surdos I*. Petrópolis: Arara Azul, 2006. p. 109-126.